

## A PERSONALIDADE DE CARLOS TEIXEIRA

### I

Em 7 de Junho de 1982 extinguiu-se não apenas um professor recentemente jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa, há muito diminuído pela doença e a cegueira, que não o impediram de trabalhar até ao fim, mas — e sem qualquer retórica que seria imprópria neste momento de reflexão e de luto — uma das raras grandes figuras da Ciência portuguesa: neste País, por condições que muitos não querem e raros não conseguem modificar, atreito a produzir políticas e politiqueros, fraseadores ociosos, maledicentes ambiciosos de mando que constituem infelizmente a nota dominante da mediocridade da nossa «inteligência», num dos panoramas mais comesinhos das nossas Universidades e instituições científicas.

Há quase meio século que nos conhecemos, e circunstâncias a que é exemplar aludir, e nunca mais deixamos de conviver. Ao contrário de alguns «estrangeirados» que se sentiam estranhos na própria terra, cujo ambiente não procuraram modificar, uns não vencendo resistências que desgastam, outros voltando aos caminhos do exílio desiludidos das estreitas perspectivas nacionais, Carlos Teixeira era um «lavrador» do Minho (no sentido local de modesto proprietário), tão enraizado no terrunho como as cepas do vinho verde que tanto apreciava.

Ao regressar de um estágio em Lille junto de Pierre Pruvost, grande especialista do Carbónico, de passagem por Paris, procurou o leitor de Português da Sorbonne, centro de um Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros, onde se ministravam aulas de língua, literatura e civilização das duas nações irmãs e se faziam pesquisas nestes domínios científicos. Surpreendeu-me mais do que a cortesia, o interesse deste «cientista», pois havia físicos e matemáticos há muito residentes em Paris que ignoravam propositadamente a sua existência. Mas a surpresa foi recíproca pois Carlos Teixeira esperava encontrar um «literato», ou pelo menos um «literário», e achou um geógrafo que, depois de uma visita rápida e um convite para jantar, pediu-lhe para vir com ele a uma lição de Geologia estratigráfica de Charles Jacob, modelo de informação, de síntese e de verdadeira «eloquência» que eu não desejava perder.

Poucos anos depois era ele naturalista do Museu de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências do Porto, onde se doutorou com uma tese renovadora sobre o Antracólítico Português (1944) (ao leitor comum dirá mais o termo Carbónico), aproveitando os seus profundos conhecimentos de botânico (fora assistente de um grande mestre, Gonçalo de Sampaio) e uma demorada e sempre entusiástica observação de campo. Carrington da Costa, homem de transição, mais inteligente e informado do que criador, renovou, a partir do Porto, o ensino universitário das Ciências Geológicas. Em Congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências, celebrados sucessivamente em Saragoça, no Porto e em Córdova, os jovens geólogos portugueses deixaram profunda impressão: «Es una autoridad en Carbonífero», disse de C. Teixeira o pioneiro da Geologia e da Geografia Peninsular, já jubilado, Don Eduardo Hernandez Pacheco, imponente e cordeal na sua longa barba e inseparável cachimbo, e San Miguel de la Camara, decano da Faculdade de Ciências de Madrid, comentava a actividade do ainda mais jovem petrógrafo Coteló Neiva: «Hombre, hay que ver lo que publica!».

Acolhido carinhosamente em Coimbra por mestres da geração anterior e pelos da minha no domínio das Ciências do Espírito, o panorama das Ciências Geológicas era desolador: nulidade científica, nenhuma saída para o campo. Por isso me senti atraído pelos amigos e colegas portuenses, andarilhos infatigáveis, sempre bem dispostos, contadores de histórias para quem o respasto, sustentado pelo apetite da juventude,

ser uma hora de alegria e de reflexão. Na esplanada dum café revíamos as observações do dia, discutíamos bravamente os caminhos da interpretação, acentuávamo-los com vivacidade e eu (para alguma coisa era professor de uma Faculdade de Letras) ditava as primeiras notas publicadas em comum, lançando os fundamentos da visão moderna do Quaternário português.

## II

Carlos Teixeira evocou, no seu último livro publicado há poucos meses, este atraente e elevado convívio, de humor esfusante, a que sucessivamente vieram juntar-se Décio Thadeu, ainda estudante de Engenharia, Pierre Birot, que viveu alguns anos entre nós antes de ser eminente professor da Sorbonne, Mariano Feio, que se tornou um dos primeiros geomorfólogos peninsulares, o etnólogo Jorge Dias, prematuramente desaparecido depois de encher a medida da sua capacidade, rigorosa preparação e entusiasmo, Georges Zbyszewski, que se fixou em Portugal realizando uma obra de que há pouco tentei evocar as pesquisas sobre a aparição do homem, no plano da filosofia natural.

A vinda de Carlos Teixeira para a Universidade de Lisboa, onde eu já era professor, o convívio com Zbyszewski, pois, até este constituir família portuguesa, coabitavam, a nossa nomeação para colaboradores benévolos dos Serviços Geológicos, o que nos permitia auferir subsídios de trabalho — que a Universidade não possuía ou não gastava, pois os minerais, rochas e fósseis ornamentavam os armários mas não eram enriquecidos por pesquisas de campo — fizeram daqueles Serviços o primeiro Instituto de Geologia portuguesa que, há mais de um século, aguarda instalação vasta e adequada, amplos recursos de trabalho correspondentes a uma tradição científica sem paralelo entre nós e ao que se pode esperar dum organismo de que depende o conhecimento dos recursos do País em minérios e materiais de construção, em aproveitamento hídrico e de outros recursos energéticos, desde o petróleo da plataforma continental até à contravertida localização das centrais nucleares, com riscos e medidas de segurança para conjurá-los.

Robusto de corpo e de espírito, insensível à fadiga e ao conforto, comendo e bebendo bem mas indiferente à hora das refeições, Carlos Teixeira foi sobretudo um infatigável trabalhador de campo. Excelente observador, dotado de rara memória visual, poucas vezes consultava e pintalgava o mapa e nunca ninguém o viu registar ou consultar cadernos de campo... assim como, entre milhares de fotografias que seleccionou ou publicou, se dispensava de referenciá-las noutra processo que não fosse a sua memória. Rochas, fósseis (alguns admiravelmente fotografados), acidentes de relevo de grande ou pequena escala, tudo tinha guardado neste prodigioso arquivo. Ainda os colaboradores se esfalfavam numa encosta, já o mestre soltava lá do cimo um chiste e uma gargalhada triunfante. Insensível ao frio, ao calor e à chuva, dizia que «não era solúvel», soltando à mesa de um repasto — se adregava alcançá-lo! graças às vezes um tanto pesadas para quem não estava habituado a elas.

Um verdadeiro naturalista ao modo clássico e o reverso dos homens de gabinete, que era apenas o complemento e às vezes a indispensável revisão da pesquisa de campo. Para ele não havia horas de trabalho e de descanso, tertúlias ociosas, corredores silenciosos de laboratório. Caso raro entre nós, dedicou a vida à Ciência, apenas investiu do seu ordenado as bemfeitorias indispensáveis nas courelas de pequeno lavrador minhoto, mas gastando à larga e com gosto com a Ciência. À roda de Carlos Teixeira e um pequeno grupo de amigos constituiu-se a *Sociedade Geológica de Portugal*, cuja actividade se limitou a publicar dentro dos prazos artigos excelentes de nacionais e estrangeiros e permutando com outras boas revistas da especialidade. Lucros, não creio que os houvesse — antes o seu «mecenas» teve generosamente sempre abertos os cordões da própria bolsa.

Como professor entendeu dever dominar o mais vasto campo da Geologia, deixando discípulos com que foi povoando os Serviços Geológicos, as novas universidades, entre nós e no Ultramar, onde fez múltiplas viagens e investigações, com «especialistas» que propendem a considerar fundamental o seu saber restrito e aprofundado mas nem sempre devidamente integrado no campo da Geologia geral.

A preparação botânica permitiu-o distinguir-se no estudo das plantas do fim do Primário (o período dos combustíveis fósseis, hoje em vias de exaustão) e na rica flora do Secundário, com problemas de repartimento, migrações e aparição de espécies, ainda um dos mais controversos da vegetação fóssil do Globo, tendo-lhe sido dedicadas, por eminentes especialistas estrangeiros, uma dezena de plantas novas. Mas, desde a sua inovadora tese doutoral defendida há quase quarenta anos, praticou uma Geologia integrada, desde a mais rigorosa base estratigráfica, em que era mestre, até à repartição de mares e montanhas, ao levantar destas, que provoca a acumulação de espessos conglomerados grosseiros e importantes lacunas e discordâncias de sedimentação. Os insectos fósseis constituíram também um grupo original de investigação.

Carlos Teixeira era homem de carácter profundamente vincado e, como sucede a todos que têm «carga de almas» nem sempre soube resistir a simpatias ou asperezas de tratamento, confundindo às vezes a lisonja que alguns lhe prodigalizavam com o respeito e o mérito científico que todos reconheciam nele.

Teve amigos dedicados que o ampararam nas horas amargas da doença e da cegueira, trágicas para quem, desde as amostras de laboratório às amplas perspectivas de campo foi, sobretudo e acima de qualquer das inevitáveis limitações da natureza humana, *um grande observador*.

### III

A cartografia geológica mereceu-lhe sempre a maior atenção, renovando completamente o velho mapa a 1:500 000, condensando-o e divulgando-o numa edição escolar a 1:1 000 000 e publicando com numerosos colaboradores, entre os quais tenho a honra de contar-me, o maior número de mapas a 1:50 000. Assim, graças sobretudo ao impulso de Carlos Teixeira, Portugal voltou a fazer boa figura entre os estados mediterrâneos da Europa.

Algumas vezes a ânsia de acumular materiais e decantar a sua interpretação faz com que um autor, confie aos lazes da velhice a sua obra principal. O corpo nem sempre acompanha o vigor do espírito e Carlos Teixeira foi ferido pela doença que o privou da vista antes da aposentação. Um pavoroso incêndio, parece que atado em vários focos, destruiu grande parte do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências, perdendo-se para sempre, livros, mapas, fotografias, diapositivos, notas de campo, protótipos de exemplares insubstituíveis. Com admirável energia — a energia adquirida em longas andanças por montes e vales — Carlos Teixeira não se deixou sucumbir. Os manuais científicos editados pela Fundação Calouste Gulbenkian, que vivem principalmente de traduções nem sempre bem escolhidas e comentadas, publicaram, no fim do ano 1981, o 1.º volume da sua *Geologia de Portugal*. No prefácio escreveu o autor: «Este livro representa não só contributo pessoal do Geólogo que, ano após ano, se esforçou pelo avanço do conhecimento e renovação dos estudos da Geologia portuguesa, mas, também, do Professor que, por todos os meios e por diversas formas, procurou exercer acção no sentido da dinamização e incremento do papel desta ciência — à qual sacrificou a família, a saúde, as comodidades e lazes —, consagrando-lhe, sem hesitar, todos os momentos da vida, em dádiva total, com entusiasmo e dedicação inexcedíveis, orientado pela consciência do papel que esta ciência desempenha no contexto da civilização moderna, no desenvolvimento económico e avanço do País, pelo aproveitamento integral das potencialidades nacionais». Carlos Teixeira transmitiu, no seu estilo sóbrio, correcto e elegante, um raro ideal da vida que teve a sorte de, amplamente, poder servir.

Na nossa última conversa falou-me, com entusiasmo e a mesma robusta confiança, no andamento do segundo volume. O plano da obra compreendia três tomos, correspondentes às grandes divisões temáticas da Estratigrafia ou Geologia histórica. Mesmo truncado, este livro é um marco no conhecimento geológico do País.

Coisa rara entre nós, se amou e procurou o prestígio científico, Carlos Teixeira nunca procurou posições brilhantes e lucrativas. Apesar de uma obra que conta algumas centenas de títulos, foi deixando para o fim o livro da sua vida, ditado na cegueira e ilustrado para olhos que já não podiam vê-lo; daí talvez a sensível falta de cortes, que o autor tinha na cabeça mas a que já não poderia dirigir a execução.

### IV

No fim da vida nem todos os discípulos lhe aturaram o azedume e alguns, cuja promoção científica se lhe deve, afastaram-se ou levantaram-se contra ele. Inimigos não podia deixar de tê-los quem era impulsivo, autoritário e violento. Dizia corajosamente Ramon y Cajal que, entre os Ibéricos, já era razoável aproveitar um décimo dos que se dedicavam à Ciência. Carlos Teixeira soube ultrapassar muito este número.

Alheio à política, aceitando como quase todos os que, acima de tudo, prezavam o desenvolvimento científico do País, um governo que só uma revolução poderia remover, soou para ele a hora do revés, quando esperava talvez a da redenção. O Centro de Estudos de Geologia Pura e Aplicada, um dos mais prestigiosos e produtivos no desolador panorama científico nacional, o «seu» Centro, que amorosamente criara e onde vinha trabalhar fora de horas e aos domingos, foi extinto, quando devia carecer de renovação na sua estrutura e deu-se a quem o criou e impulsionou por trinta anos a maior distinção — a do esquecimento! Duro golpe cujas condições nunca foram esclarecidas e profundamente lhe doeu como injustiça à sua honrada e laboriosa carreira de investigador e de professor.

Na evolução da Geologia portuguesa há o período glorioso dos fundadores, de Carlos Ribeiro a Paul Choffat. Depois o grande pousio, que este havia previsto quando os Serviços Geológicos se converteram numa repartição e os geólogos em «empregados públicos». Graças à compreensão do Eng. António Vianna, chefe dos Serviços Geológicos, e a outras ajudas que foram surgindo, estes renovaram-se completamente, em conjugação com a Universidade, que se ilude na projecção pelas multidões de alunos mal seleccionados,

pelo número elevado de docentes, tantos deles impreparados, pelas aulas e exames que, como um escalracho, abafam a actividade científica, única criadora e nobre.

Companheiro de quase meio século de trabalho, de amizade nunca desmentida até por ondulações temporárias, é com intensa emoção que saúdo «os que antes de mim na estrada se sumiram» (Goethe). O amigo que vamos sepultar «amou e serviu a Ciência», o ensino, a Geologia no vasto panorama do Espírito Científico, e por actividade prodigiosa e renovadora, prestigiou devotadamente a Nação. A raridade deste tipo de homem e de criatividade merece ser lembrada e tida como exemplo.

Vale de Lobos, 7 de Junho de 1982

**ORLANDO RIBEIRO**

Professor jubilado da Universidade Lisboa